

RUA DIAMANTE

ciso VI

Decreto nº 3917 de 21-09-1971, Artigo 1º, In-

Formada pela rua 12-B do Parque São Quirino

Início na rua Benedito Sampaio

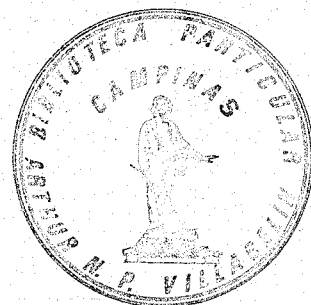
Término no balão de retorno

Parque São Quirino

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Orestes Quércia. Protocolado nº 24.137 de 26-08-1970.

DIAMANTE

O diamante é a forma mais pura de carbono no estado natural. Cristaliza-se no sistema cúbico e, embora muito duro é bastante friável. O estudo dos seus satélites, isto é, dos minerais que o acompanham nas jazidas (quartzo, calcedônia, ágata, rutilo e outros) indicam que a sua origem se relaciona com as rochas eruptivas ácidas e metamórficas. As primeiras extrações de diamantes que a História registra datam de 800 anos antes de Cristo, na Índia. O naturalista romano Plínio, no século I de nossa era, comentando as qualidades do diamante, observava que ele era tão raro que somente podia ser usado pelos reis. Até o ano 600 d.C, quando foram descobertas as jazidas diamantíferas de Bornéus, a sua produção era exclusiva da Índia. Pedra preciosa de alto valor a branca-azulada vale mais que a branca; vêm depois a rosa, a azul, a conhaque, a champanha, a negra, a canário. As menos valiosas são as manchadas de amarelo ou marrom. O mais famoso diamante branco-azulado é o Koh-I-Noor: pesa 108 quilates e 93 pontos. Com mais quilates (137) o Régent - que pode ser visto no Louvre - vale menos por sua cor: branco-amarelado. A descoberta dos primeiros diamantes, no Brasil, ocorreu no Arraial do Tejuco, hoje cidade de Diamantina, no Estado de Minas Gerais, em 1725. A procura de novas jazidas exerceu um papel decisivo em nossa história, pois forçou o deslocamento dos garimpeiros e aventureiros para o interior do país. O incremento da produção dos ricos aluviões nos anos seguintes, colocou o Brasil-colônia numa posição de grande produtor mundial. Atualmente, a produção brasileira é calamitosa. Após mais de dois séculos de exploração, não se conhece ainda, com precisão a extensão e a qualidade de nossas reservas. Além do seu uso tradicional na joalheria com o início da época industrial o diamante passou a ser procurado também como abrasivo, devido à dureza que apresenta.



DECRETO N.º 3.917, DE 21 DE SETEMBRO DE 1971

Dá denominação a vias públicas da cidade de Campinas

O Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39, do Decreto-Lei Complementar n.º 9, de 31 de dezembro de 1969,

D E C R E T A :

- Artigo 1.º — Ficam denominadas :
- I — OPALA — a rua 4A do Parque São Quirino, com início na Av. Dr. Julio Soares de Arruda e término no balão de retorno.
- II — ANDALUZITA — a rua 5A do Parque São Quirino, com início na rua Dr. Joaquim de Castro Tibiriçá e término no balão de retorno.
- III — ESMERALDA — a rua 10A do Parque São Quirino, com início na rua Domingos de Rocco e término no balão de retorno.
- IV — TURQUESA — a rua 10B do Parque São Quirino, com início na rua Domingos de Rocco e término no balão de retorno.
- V — RUBI — a rua 12A do Parque São Quirino, com início na rua Benedito Sampaio e término no balão de retorno.
- VI — DIAMANTE — a rua 12B do Parque São Quirino, com início na rua Benedito Sampaio e término no balão de retorno.
- VII — ÁGUA-MARINHA — a rua 12C do Parque São Quirino com início na rua Benedito Sampaio e término no balão de retorno.
- VIII — TURMALINA — a rua 12D do Parque São Quirino com início na rua Benedito Sampaio e término no balão de retorno.
- IX — AMETISTA — a rua 17A do Parque São Quirino, com início na rua Vergnaud Neger e término no balão de retorno.
- X — PÉROLA — a rua 17B do Parque São Quirino, com início na rua Vergnaud Neger e término no balão de retorno.
- XI — TOPÁZIO — a rua 22A do Parque São Quirino, com início na rua 22 e término no balão de retorno.
- Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação revogadas as disposições em contrário.

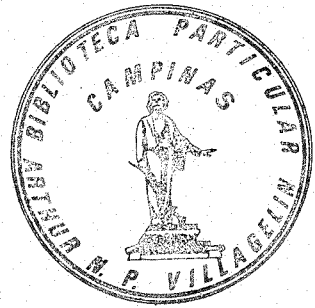
Campinas, 21 de setembro de 1971

DR. ORESTES QUERCIA
 Prefeito Municipal
 DR. JOÃO BAPTISTA MORANO
 Secretário dos Negócios Jurídicos
 ENG.º JÚLIO CÉSAR PILENSO
 Sec. de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos, com os elementos constantes do protocolado administrativo n.º 24.137, de 26 de agosto de 1970 e publicado no Departamento de Expediente do Gabinete do Prefeito em 21 de setembro de 1971.

GERALDO CESAR BASSOLI CEZARE
 Chefe do Gabinete

RUA DIAMANTE



Enquanto seu diamante branco-azulado não chega, vá aprendendo a conhecer esta pedra preciosa, cujo nome vem do grego adamas que quer dizer invencível.

Invencível, mas avariável. Portanto, tire seu brilhante do dedo para lavar as mãos, a louça e a roupa; e, também, para se maquilar ou desmaquilar. Os sabões, os cremes, a poeira e a salinidade alteram o brilho do brilhante.

E o brilho, assim como a cor, são importantes no valor da pedra. Uma branca-azulada vale mais do que uma branca apenas; vêm, depois, a rosa, a azul, a conhaque, a champanha, a negra, a canário. As menos valiosas são as manchadas de amarelo ou marrom.

O mais famoso diamante branco-azulado é o Koh-i-Noor: pesa 108 quilates e 93 pontos. Com mais quilates (137), o Régent — que pode ser visto no Louvre — vale menos por sua cor: branco amarelado.

Na verdade, no valor do diamante entram muitos fatores: o tamanho, a cor, a pureza, a limpidez, o corte.

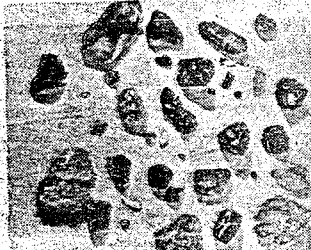
Um diamante é absolutamente puro quando, colocado sob uma lupa que aumenta em seis vezes seu tamanho, ele não mostra nenhuma "inclusão" que afete a passagem da luz através da pedra. Inclusão é um defeito de cristalização que aparece quando alguma outra substância, além do carbono, entra na formação do diamante.

Diamante limpido é aquele que os antigos chamavam de "de bela água": quanto mais fechada for a textura da pedra, mais bonitos são os efeitos de luz que ela consegue.

Há uma coisa interessante, que você precisa saber se sonha com um lindo diamante: a qualidade da luz influi na cor da pedra. Assim, um mesmo diamante parecerá mais branco no Rio de Janeiro do que em São Paulo. Isso por que, aqui, a luz é menos viva e tende a colocar reflexos amarelados na pedra.

Apesar da luz fraca de Moscou, o Orloff consegue manter sua brancura imaculada. Isso e mais seus 199,60 quilates, de peso, fazem deste diamante um dos mais famosos do mundo. Sem contar a lenda que o cerca: foi roubado do templo da Deusa Shergan, na Índia, e acabou no pescoço de Catarina da Rússia, como presente do seu amante, Conde de Orloff.

Um erro imperdoável que você não pode cometer: chegar na joalheria procurando por um brilhante em forma de pera. Brilhante, se você não sabia é a forma redonda



Diamantes brutos.

do diamante. Chamada de brilhante, porque geralmente é a mais brilhante, graças às suas 58 facetas.

Ao saber disso, você está começando a entender das formas de corte do diamante. A mais antiga é a rosa, em que base é plana e a parte superior dividida em facetas triangulares. Uma das mais modernas é a marquise: o diamante é talhado em 58 navetes. Outros cortes modernos: a pera (que não tem base ou coroa: as 58 facetas fazem a volta em toda a pedra); a baguete (pedra retangular, de cantos retos e um degrau em cada face); e a esmeralda (pedra retangular, cantos aparados, vários degraus em cada face).

O corte da pedra é muito importante. O diamante bruto é uma pedra transparente, grosseiramente em forma de cristal. O corte é escolhido de modo a que haja o mínimo de perda. De acordo com cada caso, as facetas são polidas para se obter uma baguete, um brilhante, uma marquise. E, todas as facetas, mesmo minúsculas, devem ser simétricas, para que os raios de luz venham convergir no centro da pedra.

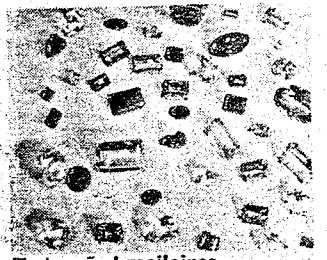
Paris foi, durante muitos séculos, o centro dos melhores cortadores de diamantes.

Depois, a maioria deles se transferiu para os Países Baixos (Holanda e Bélgica). Hoje, Antuérpia e Amsterdã são os grandes centros de lapidação de diamante, no mundo.

A produção, hoje, em dia, vem principalmente das minas da África do Sul. O Brasil, que já foi o maior produtor mundial, atualmente tem um modesto quarto lugar (atrás da Sibéria, do Congo e de Angola), participando com apenas 3% da produção mundial. Mas, as pedras maiores e mais bonitas ainda saem das nossas minas.

O maior e mais valioso diamante encontrado no Brasil foi o Getúlio Vargas (em bruto, pesava 726 quilates). Em 1938, os garimpeiros que o encontraram, venderam-no por 200 contos. Ele foi revendido por 9 mil contos e, mais tarde, nos Estados Unidos, por uma fortuna enorme...

Valéria Wally



Todos são brasileiros.

(Extraído do jornal "Jornal da Tarde", de S. Paulo, de)



DIAMANTE

O diamante é a forma mais pura de carbono no estado natural. Cristaliza-se no sistema cúbico e, embora muito duro (grau de dureza 10, o mais elevado segundo a escala de Mohs), é bastante friável. O estudo dos seus satélites, isto é, dos minerais que o acompanham nas jazidas (quartzo, calcedônia, ágata, rutilo e outros) indicam que a sua origem se relaciona com as rochas eruptivas ácidas e metamórficas.

As primeiras extrações de diamantes que a História registra datam de 800 anos antes de Cristo, na Índia. O naturalista romano Plínio, no século I da nossa era, comentando as qualidades do diamante, observava que ele era tão raro que somente podia ser usado pelos reis. Até o ano 600 d.C., quando foram descobertas as jazidas diamantíferas de Bornéus, a sua produção era exclusiva da Índia.

Além do seu uso tradicional na joalheria, com o início da época industrial o diamante passou a ser procurado também como abrasivo, devido à dureza que apresenta. Embora em grande parte substituído neste uso pelo carboneto de tungstênio e pelo fosfato de nitreto de boro produzidos artificialmente, a produção de diamante para usos industriais não perdeu a sua importância, tendo sido mesmo considerada altamente estratégica no último conflito mundial.

O maior diamante até hoje encontrado foi o "Cullinan", descoberto na mina de Premier, no Transvaal, em 1905, e pesava, no estado bruto, 3.106 quilates (cerca de 600 g). Foi oferecido mais tarde ao rei Eduardo VII e lapidado em Amsterdão, dando origem a duas gemas, que atualmente integram as jóias da Coroa britânica.

Segundo o "The Diamond Industry", a produção mundial de diamantes foi, em 1959, de 26,6 milhões de quilates (7% inferior à produção de 1958). O maior produtor foi o Congo, com 14,8 milhões, seguido de Gana, com 3 milhões, da África do Sul, com 2,8 milhões, de Serra Leoa, com 1,4 milhão, e de Angola, com 1 milhão.

A exploração de diamantes no Brasil, primeira no mundo ocidental, foi iniciada em 1728, no arraial do Tijuco, hoje Município de Diamantina, sendo então monopólio da coroa portuguesa. Um século mais tarde, foram verificadas formações diamantíferas na Bahia e nos Estados do Norte, desenvolvendo-se nestes uma produção intensa até que, no final do século, a produção da borracha absorveu as atenções, por mais rendosa então.

A situação atual desta produção no Brasil é calamitosa. Após mais de dois séculos de exploração, não conhecemos ainda com precisão a extensão e a qualidade das nossas reservas, o que nos leva à prática pouco produtiva da garimpagem de parceria entre o financiador e um pequeno grupo de trabalhadores, pois a exploração mecanizada, tentada incipientemente em Mato Grosso e em Minas Gerais, exige um perfeito conhecimento da magnitude da reserva.

A indústria de lapidação, iniciada na época da guerra, foi estrangulada prontamente pela tributação excessiva e pela má interpretação das leis trabalhistas.

Não pertencemos à organização internacional que propicia à maioria dos demais produtores economias externas (estudos sobre qualidade, métodos mais produtivos de extração) e que promove a comercialização do produto, como é o caso da Rússia, onde parte da sua produção de diamantes para joalheria é vendida nos mercados internacionais por intermédio desta organização.



O diamante

O diamante é um mineral conhecido desde a mais remota antiguidade, e embora grande parte da produção mundial seja destinada à gemologia,

sua importância industrial é tão grande que, atualmente, nenhuma nação desenvolvida ou em vias de desenvolvimento pode prescindir de suas aplicações.

prof. D. P. Svisero
— Instituto de
Geociências e
Astronomia da USP

Durante muitos séculos a Índia deteve o monopólio de sua produção e comércio. Em 1725, foram descobertas as primeiras ocorrências de diamante no Brasil, na antiga Vila de Ipojuca, atual Diamantina, Minas Gerais. A procura de novas jazidas exerceu um papel decisivo em nossa história, pois forçou o deslocamento dos garimpeiros e aventureiros para o interior do País. O incremento da produção dos ricos aluviões (depósitos secundários formados ao longo dos cursos dos rios) nos anos seguintes, colocou o Brasil-colônia numa posição de grande produtor mundial.

Até fins do século passado, o diamante era extraído exclusivamente dos aluviões e cascalhos, por meio da garimpagem. Em 1871 foi descoberta nas proximidades da atual cidade de Kimberley, África do Sul, a rocha-matriz primária, que recebeu a denominação de kimberlito. Este fato abriu um novo capítulo para o diamante, pois o Brasil e a Índia, em pouco tempo, viram-se completamente aliçados da antiga posição de grandes produtores da preciosa gema. O fato das jazidas africanas conterem o mineral "in situ", permitiu a mecanização das atividades de mineração, produzindo em consequência, um aumento extraordinário da produção. Para se ter uma idéia das mudanças ocorridas no comércio internacional, em 1906 a África do Sul era responsável por 90% da produção mundial. Posteriormente, diversas jazidas foram localizadas, notadamente no Transvaal, Rodésia, Congo, Angola, Guiné, Serra Leoa, Tanzânia etc., tornando o Continente Africano o local de maior concentração de kimberlitos do Globo.

A partir de 1955, os geólogos da União Soviética localizaram dezenas de intrusões kimberlíticas na região de Yakutia, a nordeste da plataforma siberiana, no divisor dos rios Lena e Yenisei. A potencialidade destas jazidas somadas a outras localizadas próximo aos Urais e Ucrânia, tornaram esse país um dos grandes produtores atuais. São conhecidas jazidas de diamantes em outros países, notadamente nos Estados Unidos, Canadá, Austrália, Borneo, Venezuela, Guiana Britânica etc.

No Brasil, conhecem-se ocorrências sob forma aluvionar em quase todos os Estados e Territórios da Federação, sendo Minas Gerais e Mato Grosso, os Estados mais ricos em zonas de garimpos. Entretanto, a localização das matrizes primárias (kimberlitos) responsáveis por esses depósitos continua desafiando a argúcia de nossos geólogos. Atualmente, os professores D. P. Svisero, C. R. Leite e W. Camargo estão desenvolvendo pesquisas no Instituto de Geociências e Astronomia da Universidade de São Paulo, visando a esclarecer os processos genéticos de sua formação. Esses trabalhos estão sendo realizados em colaboração com laboratórios dos Estados Unidos, Inglaterra e África do Sul. Até o presente momento, foram estudados apenas diamantes coletados nas bacias hidrográficas dos rios Araguaia e Paranaíba. Os resultados revelaram semelhanças notáveis com a África do Sul, Sibéria e Ucrânia, sugerindo a possibilidade de uma gênese semelhante para o diamante destas duas áreas brasileiras.

Com relação à composição química, o diamante é quase carbono puro, de vez que a porcentagem deste elemento alcança em média 99,8%. O restante são impurezas, das quais o nitrogênio é a mais importante, podendo atingir teores de 0,2%. Outros ele-

mentos presentes em quantidades de algumas partes por milhão (elementos traços) são o alumínio, cálcio, ferro, magnésio, silício, cobalto, níquel, cromo, boro, sódio e outros. A presença de nitrogênio em 90% dos diamantes naturais permite dividi-los em dois grupos denominados I e II, conforme contenham ou não aquela impureza.

O nitrogênio exerce uma influência decisiva em várias propriedades físicas do diamante. Assim sendo, os cristais tipo II apresentam clivagem mais perfeita que os tipos I, são transparentes às radiações do infravermelho a partir de 7,0 micra, e geralmente são fosforescentes às radiações do ultravioleta. Alguns diamantes tipo II são semicondutores, e esse comportamento é resultante da presença de boro na rede cristalina. O nitrogênio provoca ainda variações no peso específico, cujo valor oscila entre 3,50 e 3,53 g/cm³.

Observados ao ultravioleta, os diamantes exibem cores de fluorescência, sendo as mais comuns o verde e azul. Com relação à cor macroscópica dos cristais, a maior parte dos exemplares brasileiros são incolores, seguidos pelas variedades de coloração intermediária entre amarelo e castanho, e mais raramente verde e rosa. Tonalidades azul e vermelho são raríssimas e quando límpidas, constituem as gemas mais raras. Atualmente, admite-se que a variação de cor seja devido ao alumínio e a defeitos estruturais do retículo cristalino.

Entre todas as propriedades, talvez, as mais conhecidas sejam o brilho excepcional e a dureza extrema, que combinadas à sua raridade, emprestam-lhe caráter de gema única entre as substâncias conhecidas. O brilho (adamantino) é consequência do índice de refração elevado ($n = 2,42$), que produz no cristal lapidado efeitos ópticos especiais, originando um jogo de luzes e cores não observado em nenhuma outra gema.

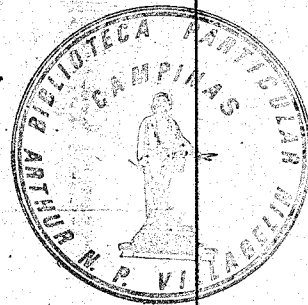
A dureza (resistência oferecida ao risco superficial) é a mais alta entre os minerais, e resulta do empacotamento denso dos átomos de carbono. Devido a esse fato, o diamante ocupa o ponto extremo das escalas de dureza, das quais a mais conhecida é a escala relativa de Mohs. Esta dureza excepcional, só igualada por alguns nitretos de boro recentemente sintetizados, confere ao diamante inúmeras aplicações tecnológicas, como abrasivo e material de corte.

Um dos aspectos que sempre atraiu a atenção dos mineralogistas, é a forma peculiar dos cristais. Durante o crescimento cristalino, formam-se poliedros transicionais entre o octaedro e o rombododecaedro, com grau de curvatura variável nas faces. Sobre estas superfícies, podem ser observadas estruturas geométricas complexas (figuras 1 e 2), formadas por processos de dissolução.

As vezes o diamante contém inclusões (figura 3) de minerais englobados durante o crescimento. A natureza destas inclusões determinada em laboratório através da difração de raios X, indica que a formação do diamante deve ocorrer a uma profundidade entre 150 a 200 km abaixo da superfície terrestre. No momento, esta faixa da terra, denominada pelos geólogos, manto superior, está sendo objeto de intensos estudos. Sendo o diamante um mineral do manto superior, é provável que o estudo de suas inclusões contribua para o conhecimento dessa região ainda pouco explorada.

Lendas brasileiras

Descoberta dos diamantes



A descoberta dos primeiros diamantes no Brasil está ligada à mineração do ouro. O fato ocorreu no arraial do Tijuco, hoje cidade de Diamantina, em Minas Gerais. Começaram a aprezer, de mistura com o minério de ouro, pedrinhas duras, cristalizadas, cuja natureza ninguém conhecia. Entre os mineradores, achava-se o sargento-mor Bernardo Fonseca Lobo, que reuniu grande quantidade dessas pedras e as utilizava como tentos no jogo do gamão.

Um dia surgiu no Tijuco um homem que se dizia frade da Terra Santa, mas que apesar do hábito religioso que vestia, era, na verdade, um impostor que assim agia para se aproveitar dos incautos.

Esse falso frade hospedou-se na casa de Fonseca Lobo. Quando viu as tais pedrinhas, seus olhos brilharam de cobiça. Percebeu logo que as mesmas eram diamantes. Disfarçou, porém, sua emoção e pediu ao sargento-mor que lhe desse daquelas pedrinhas sem valor, pois ele as queria levar para a Terra Santa. Fonseca Lobo juntou suas pedrinhas com as dos outros mineradores e encheu com as mesmas um saco, que ofereceu ao homem que julgava ser um sacerdote.

Na véspera da partida do frade, o sargento-mor verificou, altas horas da noite,

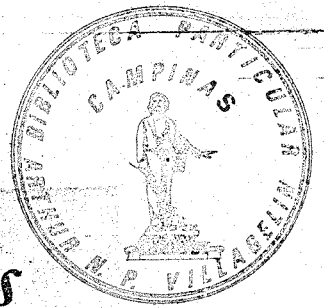
que o quarto do seu hóspede estava com as luzes acesas. Receando que o frade tivesse adoecido, bateu a porta. Não foi atendido. Espiou pela fechadura e, quando foi sua surpresa ao ver o frade contando as pedrinhas e exclamando: diamantes! diamantes!

Percebeu, então, que tinha sido ludibriado. Empurrou a porta e entrou no quarto. O frade, ao vê-lo, ficou pálido de espanto. Mas, recobrando a calma, propôs a Fonseca Lobo que dividissem o tesouro. Acreditando ainda que o homem fosse realmente um sacerdote, o sargento-mor aceitou a proposta. Pela manhã, porém, quando procurou o frade constatou que ele tinha fugido.

Fonseca Lobo reuniu todas as pedras que pode encontrar e partiu para Portugal. Foi oferecer ao rei D. João V as jazidas de diamantes em troca do cargo de Vice-Rei do Brasil. D. João V ficou maravilhado quando viu os diamantes. Mas soltou uma gargalhada quando o rústico mineiro lhe declarou a sua pretensão. Por muito favor, nomeou-o capitão-mor da Vila do Príncipe, mais tarde Serro Frio. E foi com esse título sem nenhum valor, que morreu pobre, obscuro e desamparado, o homem que sonhara vir ser o Vice-Rei do Brasil.

(Do Suplemento Infantil e Dominical "Diário", do jornal "Diário do Povo", de Campinas, de 22-junho-1980)

RUA DIAMANTE



HISTÓRIA DA TERRA DA GENTE

A descoberta dos diamantes

A descoberta dos primeiros diamantes, no Brasil, ocorreu no Arraial do Tejuco, hoje cidade de Diamantina, em Minas Gerais. Isso foi há muitos anos. Os mineradores, que são homens que procuravam pedras e metais preciosos, começaram a descobrir, misturado com minério de ouro, umas pedrinhas duras, que ninguém sabia o que eram. Um sargento-mor, Bernardo Fonseca Lobo, reuniu muitas destas pedrinhas, que usava num jogo antigo chamado «gamão».

Ora, um dia apareceu no Tejuco um homem que se dizia frade, mas que na verdade, era um impostor. Ele hospedou-se em casa do sargento-mor, e quando viu aquelas pedrinhas ficou muito feliz. Seus olhos até brilharam de cobiça. Pediu aquelas pedrinhas, e o bom sargento deu-lhe uma porção delas. Só um pouco mais tarde percebeu que tinha sido enganado, e que elas eram diamantes, de grande valor.

Então, Fonseca Lobo reuniu as pedrinhas que sofraram e partiu para Portugal, para oferecer ao rei D. João V as jazidas de diamantes, em troca do cargo de vice-rei do Brasil. O rei ficou maravilhado com os diamantes, mas não lhe deu o cargo pedido. Nomeou-o apenas capitão-mor da Vila do Príncipe, mais tarde Serro Frio. E o pobre homem, que podia ser o mais rico do mundo em seu tempo, morreu sem nada, desconhecido de quase todos, coitado!



Bernardo Fonseca Lobo usava diamantes como como pedrinhas de jogo

(Artigo de autoria de Célia Siqueira Farjallat, no jornal "Correio Popular", de 01-julho-1973)